

A palavra entre a lógica da letra e a sintaxe do inconsciente

Daniel FOSCACHES, psicólogo, Ágora Instituto Lacaniano, danielfoscaches@gmail.com

RESUMO: Esse artigo estabelece um paralelo entre a maneira de se conceber as expressões da linguagem – sobretudo a palavra – nos diversos meios de comunicação, na literatura e no inconsciente, sob a perspectiva da lingüística de Saussure e da psicanálise de Freud e Lacan. O social deve ser sempre respeitado nas construções da linguagem em sua função referencial, no sentido de esta ter que utilizar de regras produzidas e aceitáveis coletivamente para que consiga transmitir o que se pretende; já no nível das expressões do inconsciente, apesar de este também ser construído no bojo das relações sociais, o modo como os significantes se articulam, marcam os sujeitos e se expressam, respeita menos as convenções e as regras gramaticais do que a história do sujeito e a forma como este se relaciona com o Outro. Articulação significativa semelhante é encontrada na função poética da linguagem, predominantemente encontrada nas expressões literárias.

PALAVRAS CHAVE: significantes; linguagem na comunicação; expressão literária; estruturação do inconsciente

Introdução.

Ao pensar em escrever sobre esse tema encarei tal tarefa como um desafio, pois, quando se fala da aliança entre psicanálise e literatura, somos tentados a agir como desavisados e ir logo escolhendo uma obra, buscando encontrar os traços de neurose do autor a partir das linhas e entrelinhas de seu texto. Outra saída comum, que tem sua importância, seu valor para o estudo do que é humano e é mais coerente que a primeira, seria analisar as questões subjetivas que transpassam a vida de alguma personagem criada de forma imaginativa; contudo, neste momento, esta saída não se constituiu como objeto do meu desejo,

Afirmo que é um engodo tentar analisar a trama subjetiva de um sujeito a partir de uma arte produzida por ele uma vez que, só pode resultar em erro uma investigação baseada em uma plena confiança no fenômeno da projeção¹, sem se considerar a história e as construções singulares daquele. Uma negligência assim implica desqualificação de quaisquer inferências a todo tipo de expressões, comportamentos e discursos, transformando-as em meras tipologias simplistas, colocando-as no nível de afirmações segundo as quais uma pessoa com os braços cruzados está apresentando resistência, criança que não é criada por pai e mãe terá problemas psicológicos, entre outras.

Em 1907, quando Freud publicou uma de suas primeiras análises de obras literárias – **Delírios e Sonhos na Gradiva de Jensen** – que também foi uma de suas primeiras publicações acerca da teoria psicanalítica, o autor ressaltou que os escritores são aliados importantes, pois, costumam conhecer uma gama de coisas, com as quais nossa filosofia ainda não nos deixou sonhar, nutrem-se de fontes que ainda não tornamos acessíveis à ciência e, por isso, eles estão bem adiante de nós, gente comum. (1996)

Neste mesmo trabalho afirmou que o escritor em sua obra “imitou” fielmente a realidade dos fatos mentais e, embora este afirmasse que a história fora uma fantasia, um produto de sua imaginação, ninguém se oporia se fosse dito o contrário, ou seja, que se tratara de um fato verídico. A explicação para esse fato não é que o escritor conhecia os conceitos psicanalíticos e, a partir daí, criou uma história que se encaixava em tais leis. Mesmo nunca tendo ouvido falar no inconsciente

¹ Processo descrito por Freud (1996) em que uma percepção interna é suprimida e, ao invés, seu conteúdo, após sofrer certo tipo de deformação, ingressa na consciência sob a forma de percepção externa. O autor destaca que esse processo se faz presente no cotidiano, quando, pois, atribuímos as causas de certas sensações ao mundo externo, ao invés de procurá-las dentro de nós mesmos.

este estava presente em sua obra por determinar fenômenos da vida mental, o que levou Freud a concluir que os escritores e os psicanalistas não estão distantes, ambos versam sobre o mesmo objeto, embora partindo de métodos distintos.

Nosso processo consiste na observação consciente de processos mentais anormais em outras pessoas, com o objetivo de poder deduzir e mostrar suas leis. Sem dúvida o autor procede de forma diversa. Dirige sua atenção para o inconsciente de sua própria mente, auscultando suas possíveis manifestações, e expressando-as através da arte, em vez de suprimi-las por uma crítica consciente. (FREUD, 1996, pág. 83)

Devo ratificar que isso não significa que devemos investigar os conflitos inconscientes do autor por meio de sua obra, pois, como destacou Freud, isso seriam apenas conjecturas. O que o autor enfatizou com a afirmação acima é que as leis do inconsciente se mostram não apenas no consultório do analista, mas, como fenômenos que perpassam a existência dos seres humanos – ao menos na cultura ocidental, essas leis estão presentes em todas as expressões desses seres, inclusive nas criações artísticas, sem que para isso o autor de tais criações necessite as expor ou tampouco dar-se conta delas.

Estudando o Seminário V de Jacques Lacan, **As formações do inconsciente**, e o volume VIII das obras de Freud (**Os chistes e suas relações com o inconsciente**) – livro que foi o foco de análise do Seminário de Lacan acima citado, vislumbrei o conteúdo que se equivale ao objetivo central do presente artigo, uma vez que nesses estudos ressaltou-se a importância de nos atentarmos à função do significante no inconsciente, um determinante que foi deixado de lado por muitos psicanalistas,

1. O Inconsciente, o Significante e a Literatura.

“Aonde eu não estou as palavras me acham”.

(Manoel de Barros)

Pelo fato de esse trabalho estar sendo apresentado a um público que não necessariamente pertence ao campo da psicanálise, é preciso abrir um parêntese para um breve esclarecimento sobre o que é o *inconsciente*. Esse é um conceito que, para conseguir apreendê-lo de forma satisfatória deveria ser dedicado um artigo somente para essa finalidade, contudo, este não é o momento e nem o espaço para tal aventura.

Limitar-me-ei a uma definição geral e simplista, de acordo com a qual o inconsciente pode ser considerado não como uma determinada região do cérebro, mas como uma instância psíquica onde se encontram afetos experimentados pelo sujeito ao longo de sua história que, por não serem aceitos pela consciência deste e também pela moral social, foram reprimidos e forçados a permanecerem em estado inconsciente. Estar inconsciente não quer dizer que esteja inativo, pois, tais afetos continuam a determinar muitos dos comportamentos e sentimentos do sujeito, porém – por um trabalho da repressão – eles são ligados a outra idéia, que não a original, mas a uma idéia substituta, melhor aceita pela consciência e pela tal moral social. (FREUD, 1996).

Aprendemos com a psicanálise que a essência do processo de repressão não está em pôr fim, em destruir a idéia que representa uma pulsão, mas em evitar que se torne consciente. Quando isso acontece, dizemos que a idéia se encontra num estado inconsciente, e podemos apresentar boas provas para mostrar que, inclusive quando inconsciente, ela pode produzir efeitos, incluindo até mesmo alguns que finalmente atingem a consciência (...). Certamente só conhecemos o inconsciente como algo consciente, depois que ele sofreu transformação ou tradução para algo consciente (...). A fim de que isso aconteça, a pessoa sob análise deve superar certas resistências – resistências como aquelas que,

anteriormente, transformaram o material em questão em algo reprimido rejeitando-o do consciente. (FREUD, 1996, pág.171).

No artigo de Lacan (1998) **A Instância da Letra no Inconsciente ou a Razão desde Freud** o autor indagou “Como não haveria (...) um psicanalista de hoje de sentir que chegou a isso, a tocar na fala, quando sua experiência recebe dela seu instrumento, seu enquadre, seu material e até o ruído de fundo de suas incertezas?” (pág.497). Afirmou mais adiante que para-além dessa fala, é toda a estrutura da linguagem que a psicanálise descobre no inconsciente, alertando para uma reavaliação aqueles muitos psicanalistas que deixaram de lado a importância dos significantes, das estruturas da linguagem na análise de um sujeito e se agarraram na definição simplista citada no parágrafo anterior, segundo a qual o inconsciente é apenas a sede das pulsões.

Com essa noção de que o inconsciente – que é o objeto de estudo da psicanálise – estrutura-se como a linguagem, penso começar a se descortinar um dos pontos de enlace entre a psicanálise e a literatura, uma vez que tanto a expressão do inconsciente como a expressão literária utilizam-se de significantes - esses substratos materiais tomados emprestados da linguagem – e obedecem a determinadas leis,

A linguagem é um elemento que distingue a sociedade humana das sociedades naturais, é um dos principais constituintes da cultura, entendendo esta como um conceito que assume, genericamente, duas características importantes: pertence ao seu universo tudo que o homem acrescentou à natureza com seu trabalho transformador, e também tudo que não é hereditário, mas aprendido pelo homem. (LOPES, 1971)

A aprendizagem, a conservação e a transmissão da cultura se fazem por meio de uma grande variedade de práticas sociais, as quais se organizam assumindo a condição de sistemas de signos² para realizar tal objetivo. A ciência que estuda esse sistema de signos é a Semiologia ou Semiótica, a qual afirma que os Mitos, os quadros de pintura, as obras literárias, peças musicais, processos de adivinhação e até mesmo os cardápios, todos possuem um conjunto de propriedades específicas que os investe de um papel social, são todos linguagem, no sentido mais amplo da palavra,

Essas linguagens são capazes de expressar, sob diferentes modalidades de substâncias significantes, o mesmo significado básico; todos esses sistemas sógnicos exprimem aspectos de uma particular “modelização do mundo”, uma *imago mundi* intuída pela sociedade que criou esses sistemas. (LOPES, 1971, pág. 16).

De acordo com a lingüística, então, os signos existem para mediar a relação entre um homem e outro homem dentro de uma sociedade, para permitir que o pensamento transite de uma para outra subjetividade, funções que qualificam os signos como, ao mesmo tempo, suportes materiais da comunicação entre as pessoas, e o meio pelo qual se exprime a relação do homem com o mundo que o cerca.

Por essas mediações constituírem uma organização social e serem constituídas por ela, atribui-se às linguagens a função de sistemas carregados de ideologia – adotando aqui como definição de ideologia o conceito de sistemas de valores grupalmente compartilhados. Portanto, ao aprender e transmitir a língua de um grupo, o indivíduo também aprende e transmite as ideologias daquele. (IVANOV *apud* LOPES, 1971).

Não irei me aprofundar na discussão acerca das conseqüências dessa carga ideológica presente na organização social, pois, a intenção neste momento é apenas destacar que, do ponto de vista da lingüística de Lopes (1971), há uma normatividade na língua, não me limitando apenas à

² Segundo F. de Saussure (2006) signo é a combinação entre dois elementos: o conceito (significado) e o significante. (pág. 81)

questão da norma culta – discussão que também não será assumida aqui – mas, referindo-me ao fato de que as línguas são um produto das convenções e valores sociais.

Dessas convenções e valores sociais derivam as regras que tornam compreensíveis as intercomunicações dos indivíduos. Assim, as utilizações da língua por um falante devem ser por ele planejadas para que sua mensagem atinja determinados objetivos e não seja compreendida de forma equivocada.

Para que uma língua cumpra os seus fins, é necessário que os membros de uma comunidade (...) se coloquem previamente de acordo quanto ao sentido que vão atribuir às partes da corrente sonora que emitem e ouvem. Em outras palavras, é preciso que concordem em atribuir a determinados conjuntos fônicos, produzidos em certas situações, o poder de traduzir um determinado elemento de sua experiência histórica. Esse contrato social funda o convencionalismo do signo. (LOPES, 1971, pág. 41).

A experiência psicanalítica não nega esse caráter social da língua. O que ela nos permitiu foi um para-além dessa determinação, ou seja, compreender que no sujeito - apesar de ele estar submetido a tal determinação e de ter o inconsciente estruturado como a linguagem - os significantes, por vezes, expressam-se de duas maneiras: ininteligível do ponto de vista da lógica da língua, mas perfeitamente compreensível na perspectiva da cadeia simbólica que ele (sujeito) construiu; ou de forma convencional, mas com um sentido que tem menos relação com valores sociais do que com seus sintomas, com sua história, com a relação que ele estabelece com o Outro.

Esse pensamento encontra suas raízes na concepção estruturalista da lingüística, a qual tomou impulso, sobretudo, após o **Curso de Lingüística Geral** de Saussure (2006), produzido entre as duas grandes guerras. O termo “estrutura” está ligado à relação no interior de um sistema, uma entidade autônoma cujas partes se condicionam reciprocamente, cada uma delas dependendo de algumas outras, sendo equivocada a análise de um único elemento desconsiderando os outros.

A relação da linha de pensamento de Freud e de Lacan com o estruturalismo ratifica-se quando esse disse que as características do significante são as da existência de uma cadeia articulada que tende a formar grupos fechados, compostos por uma série de anéis, que se prendem uns aos outros para constituir cadeias, as quais, por sua vez, prendem-se a outras cadeias também à maneira de anéis. (LACAN, 1999)

Para ficar mais claro o que está sendo abordado vou me debruçar um pouco sobre as questões referentes aos chistes, tema trabalhado por Freud em 1905 em sua obra **Os chistes e suas relações com o inconsciente**. Segundo Lacan (1999), a análise dessas expressões é útil porque elas nos manifestam de maneira indubitável a importância do significante naquilo que podemos chamar de mecanismos do inconsciente.

Construir uma definição de **chiste** – ou tirada espirituosa, para Freud, significou buscar o que alguns escritores já haviam trabalhado sobre o tema e, apesar de ter descoberto que o assunto havia sido muito pouco estudado – embora conste sua importância para a compreensão de processos da vida mental – encontrou alguns nomes famosos que o haviam abarcado, como o escritor romântico alemão Jean Paul Richter e os filósofos também alemães Kuno Fisher e Theodor Lipps.

De acordo com Lipps *apud* Freud (1996) um chiste é algo cômico do ponto de vista inteiramente subjetivo, algo que nós produzimos e que se liga a nossa atitude como tal, atitude essa que é sempre de sujeito e nunca de objeto. Há uma conexão arbitrária por meio de uma associação verbal de duas idéias que de alguma forma se contrastam, sobretudo, no que se refere ao sentido e à falta de sentido das palavras. “Atribuímos sentido a um comentário e sabemos que logicamente ele não pode ter nenhum (...) concedemos-lhe conseqüências lógicas e psicológicas que ultrapassam seu conteúdo (...). Atribuímos às palavras um significado que não podemos garantir-lhes” (pág. 19).

Ainda de acordo com esse filósofo, há um fator “desconcerto–esclarecimento” no fenômeno da tirada espirituosa, no qual o desconcerto se faz presente na medida em que a palavra veículo do

chiste parece, a princípio, ter sido construída de forma errada, ser incompreensível; já o esclarecimento é marcado por dois estágios: descobrir o significado da palavra desconcertante e perceber que a palavra que nos havia confundido por, aparentemente, não ter sentido algum, traz consigo um sentido absoluto. Nessa “solução do problema no nada”, no vislumbrar que uma palavra sem lógica, de acordo com o uso lingüístico normal, é a responsável por evocar um conteúdo particular, é aí que reside o traço cômico do chiste.

Lacan corroborou de alguma forma essa discussão afirmando que a fala do sujeito possui dois planos cuja distinção se faz da seguinte maneira: um é o plano do discurso corrente, do código, que é comum à realidade, onde se produz o mínimo de sentido, uma vez que aí o sentido já está dado pelos ideais comumente aceitos, é o que podemos chamar de discurso vazio. O outro plano é o da mensagem, onde, devido ao resultado da conjugação entre o discurso e a cadeia significante, vem à luz o sentido, a verdade que há por anunciar. Se é que existe verdade, é aí que ela se encontra. (1999).

Uma outra particularidade dos chistes é a sua brevidade, ou seja:

Um chiste diz o que tem a dizer, nem sempre em poucas palavras, mas sempre em palavras poucas demais, isto é, em palavras que são insuficientes do ponto de vista da escrita lógica ou dos modos usuais de pensamentos ou de expressão. Pode-se mesmo dizer tudo o que se tem a dizer nada dizendo. (LIPPS *apud* FREUD, 1969, pág. 21).

Podemos assim descrever resumidamente como características gerais dos chistes a atividade, a relação com o conteúdo de nossos pensamentos, o traço lúdico, a conjugação de coisas dissimilares, as idéias contrastantes, o sentido no “nonsense” (não-sentido), a sucessão de desconcerto e esclarecimento, a revelação do que estava escondido, e a sua particular brevidade.

Outra dimensão fundamental da tirada espirituosa, que é imprescindível para que se conceitue como tal, é a necessidade de haver a sanção do Outro³ terceiro, pois, só essa sanção permite que passe a existir uma mensagem no código e, por conseguinte, que seja possível diferenciar uma tirada espirituosa de um simples comentário cômico, o qual é dual.

Para ilustrar essa teoria Freud nos trouxe um famoso chiste produzido por uma das personagens de Heinrich Heine⁴, o pobre agente de loterias, que se vangloriou quando fora à casa do grande Barão, e este o tratara bem como a um seu igual: “bastante **familionariamente**”. Notem que nesse chiste, se compararmos uma versão desenvolvida dessa expressão – o que a desqualificaria enquanto tirada espirituosa - e a versão chistosa do poeta, ocorre uma abreviação, pois, se desenvolvermos o que foi condensado, teremos “tratou-me quase como seu igual, muito familiarmente, isto é, na medida em que isso é possível a um milionário”. (1969, pág. 27).

Segundo Freud (1996) a palavra familiar (familiarmente), na expressão desenvolvida transformou-se em **familionar** (familionariamente) na expressão chistosa, e é dessa estrutura verbal que dependem o caráter do chiste como tal e o seu poder de ser cômico. A nova palavra construída coincide com o **familiar** da primeira sentença, e nas sílabas finais com o **Milionar** da segunda, o que a caracteriza como uma palavra composta;

f a m i l i a r
m i l i o n a r

f a m i l i o n a r

A partir desse exemplo o autor dá início a uma descrição de uma série de técnicas de construção de chistes, com as quais podemos fazer um paralelo entre os processos de formação de

³ O Outro pode ser entendido como o lugar do inconsciente, de onde provêm os questionamentos de um sujeito, onde se aponta sua falta.

⁴ Henrich Heine foi um importante poeta romântico alemão que ficou conhecido, no final do século XIX, como o “último dos românticos”.

palavras que são conhecidos pela lógica da língua e processos de formação de novas palavras descobertos na sintaxe do inconsciente pela experiência psicanalítica.

Analisando a língua portuguesa, sabemos que, de uma forma geral, são possíveis os seguintes processos básicos de formação de palavras; a derivação, que consiste na junção de afixos (prefixos e/ou sufixos) ao radical; a composição, que se caracteriza por formar novas palavras pela junção de dois radicais existentes na língua; o hibridismo, que é a junção de elementos originários de línguas diferentes; a onomatopéia, qual seja a utilização de palavras na tentativa de reproduzir alguns sons e ruídos; e a sigla, com a qual se utiliza apenas de letras iniciais para representar algo.

Já a psicanálise nos mostra que por influência do inconsciente se faz possível outros processos de formação de palavras – ainda que continuem sendo técnicas lingüísticas - dos quais, um primeiro que pode ser citado é o que originou a construção de **familonariamente**, que Freud (1996) denominou de condensação com formação de substituto, resultando em uma palavra composta.

A explicação para essa técnica de formação de palavras foi desenvolvida por Lacan sob o conceito da **metáfora** em que, nesse caso específico, houve algo que caiu dentro do intervalo, que foi eludido na articulação do sentido, ao mesmo tempo em que se produziu alguma coisa que condensou, que embutiu um no outro (familiar e milionário produzindo o familionario). É nessa relação de substituição, na ligação de um significante com outro significante, que reside o recurso criador da metáfora e a possibilidade do engendramento do sentido.

Já dei indicações suficientes para que saibam que é por intermédio da metáfora, pelo jogo de substituição de um significante por outro num lugar determinado, que se cria a possibilidade não apenas de desenvolvimento do significante, mas também de surgimentos de sentidos sempre novos, que vêm sempre contribuir para complicar, aprofundar, dar sentido de profundidade àquilo que, no real, não passa de pura opacidade. (LACAN, 1999, pág. 35)

Para ilustrar a explicação desse conceito o autor recorreu à palavra **aterrado**, dizendo que essa palavra não tem originariamente e nem em muitos de seus empregos, o sentido de tomado de **terror**, mas o de **lançado por terra**; no entanto, em alguns textos, vemos precisar-se essa espécie de peso de **terror**. Isso acontece, segundo Lacan, pela presença da estrutura **terra** que há em **aterrado**, pois, se a palavra aterrado traz um novo sentido, não é por ter uma significação, mas pela qualidade de significante, é por conter fonemas que se encontram na palavra **terror**.

Uma segunda técnica de construção de palavras pelo inconsciente é “o múltiplo uso do mesmo material”, o qual Freud exemplifica com o seguinte chiste: “Um jovem, parente do grande Jean-Jacques **Rousseau**, de quem ele trazia o nome, foi apresentado em um salão de Paris. Tinha, além do mais, os cabelos vermelhos. Comportou-se, entretanto, de maneira tão desajeitada que anfitriã comentou criticamente com o cavalheiro que o apresentou: “Você me fez conhecer um jovem que é **roux- sot** (ruivo e tolo), mas não um **Rousseau**” Importante ressaltar que ambas as palavras são pronunciadas de maneira semelhante. (1996, pág. 37).

Não há aqui a omissão, a abreviação e tampouco a condensação como no familionario; a anfitriã manifestou diretamente na tirada espirituosa o que estava pensando (“Você despertou minhas expectativas quanto a um parente de Jean-Jacques Rousseau e eis o que temos: um jovem ruivo e idiota”). Esse chiste relaciona-se, então, com a identidade fônica das palavras, uma e a mesma palavra aparece usada de duas maneiras, uma vez como um todo e outra vez segmentada em sílabas separadas, como uma charada.

Uma terceira técnica que pode ser citada é o duplo sentido, que nada mais é do que aquilo que parece ser, ou seja, o uso de uma palavra com duas – ou mais – conotações. Tal técnica foi materializada por Freud (1996) no seguinte exemplo: “Um dos primeiros atos de Napoleão III foi apoderar-se da Casa de Orleans. Eis o excelente jogo de palavras feito naquele tempo: “Eis o

primeiro **Vol** da águia”. **Vol** significa **vôo**, mas também **roubo**”. (FISHER *apud* FREUD, 1996, pág. 44)

Esses são alguns exemplos – dentre os diversos citados por Freud em seu livro - de técnicas possíveis para a construção de novas palavras por força do inconsciente. Esse processo utiliza-se de mecanismos semelhantes aos utilizados pelos materiais oníricos, os quais, de uma maneira geral podem ser resumidos como processos que também se utilizam de condensação, deslocamento, e opera em dois planos: dos conteúdos manifestos, freqüentemente estranhos e deturpados; e dos conteúdos latentes, perfeitamente lógicos e pelos quais o sonho é motivado.

Lacan (1999) nos apontou um lapso de Freud descrito por este em seu livro “**Psicopatologia da Vida Cotidiana**”, cujo conteúdo foi o seguinte: Em 1898, Freud tentou lembrar em vão o nome do artista que pintou os afrescos das “Quatro Últimas Coisas”⁵, na Catedral de Orvieto; em vez do nome que procurava – **Signorelli** – surgiram os nomes de dois outros pintores – **Botticelli** e **Boltraffio** – embora, segundo o autor, fossem imediatamente rejeitados por seu juízo como incorretos. Ao ser informado por outra pessoa do nome correto, reconheceu-o sem hesitação, o que levou Freud a concluir que, em alguns casos particulares, o processo do esquecimento de nomes próprios em que há um deslocamento para outros nomes, não está entregue à arbitrariedade, pois, os nomes substitutos possuem uma relação analisável com o nome esquecido. (1996)

Analisando esse lapso Freud pontuou que, em primeiro lugar, a razão pela qual o nome **Signorelli** fora esquecido não devia ser procurada em uma peculiaridade do próprio nome, nem em qualquer característica psicológica do contexto em que ele se inseriu. O nome esquecido era tão familiar para ele quanto **Botticelli** e muito mais familiar do que **Boltraffio**; além disso, segundo Freud, o contexto em que ocorrera o esquecimento era inofensivo, uma vez que, viajava em companhia de um estranho e conversavam sobre viagens pela Itália, momento em que surgiu o assunto sobre os afrescos pintados em Orvieto. (1996)

O lapso só pôde ser esclarecido quando Freud se lembrou do assunto que, com seu companheiro de viagem, discutia um pouco antes. Conversavam sobre o costume dos turcos que vivem na **Bósnia** e na **Herzegovina** e Freud havia contado ao seu interlocutor que ouvira um colega que trabalhou em meio a essas pessoas – que elas costumam ter grande confiança no médico e total resignação ao destino. Por exemplo, quando se é obrigado a lhes dizer que nada pode ser feito por um doente, respondem: “**Herr** (Senhor), o que se há de dizer? Se fosse possível salvá-lo, sei que o senhor o teria salvado”. Nessas frases encontram-se pela primeira vez as palavras e nomes **Bósnia**, **Herzegovina** e **Herr**, que podem ser inseridas em uma seqüência associativa entre **Signorelli** e **Botticelli** – **Boltraffio**. (1996)

Freud destacou que essa seqüência de pensamentos sobre o costume dos turcos na Bósnia influenciou o pensamento subsequente pelo fato de ter afastado a atenção dela antes de ser concluída. Lembrou-se também de que quisera contar outra anedota, próxima à primeira, cujo conteúdo era o valor imenso atribuído pelos turcos ao gozo sexual; inclusive, em sua memória veio à fala de um dos pacientes de seu colega a este: “Sabe **Herr**, quando isso acaba a vida não tem mais nenhum valor”. Por não querer tratar de um tema como esse com um estranho, Freud suprimiu essa anedota, o que lhe fez, então, desviar sua atenção da continuação dos pensamentos que poderiam ter-lhe surgido a partir do tema “morte e sexualidade”.

Outra observação essencial é que, naquela ocasião, Freud estava sob a influência de uma notícia que lhe chegara há algumas semanas durante uma breve estada em **Trafoi** - uma aldeia do Tirol, segundo a qual um paciente, a quem ele havia se dedicado muito, pusera fim em sua vida por causa de um distúrbio sexual incurável. O autor enfatizou que esse acontecimento e o que se relacionava a ele não tinha lhe assaltado a lembrança de forma consciente, mas a semelhança entre **Trafoi** e **Boltraffio**, forçou-o a supor que essa reminiscência passou a atuar na hora da conversa. (1996).

⁵ As ‘Quatro últimas Coisas’ são a Morte, o Juízo, o Inferno e o Céu.

Signorelli foi dividido em duas partes: **elli** ressurgiu inalterado em um dos nomes substitutos (**Botticelli**); **Signor**, traduzido por **Herr**, adquiriu numerosas e variadas relações com os nomes contidos no tema recalcado (**Herzegovina**; “**Herr**, o que se há de dizer (...)”; “Sabe **Herr**, quando isso acaba a vida não tem mais sentido”). O substituto de **Signor** foi criado como se tivesse havido um deslocamento ao longo da conexão de nomes (**Herzegovina** e **Bósnia**) - partes da Monarquia austro-húngara as quais eram habitualmente referidas em conjunto, quase como se fossem uma só palavra - (**Bósnia**, **Botticelli**, **Boltraffio**). Por fim, há de se destacar a associação do assunto sobre a morte de seu paciente (morte e sexualidade), notícia dada quando ele estava em **Trafoi**, a fala do paciente turco de um colega (“**Herr (Signor)**, quando isso (o gozo sexual) acaba a vida não tem mais sentido”), e a segunda parte de um dos nomes substitutos em que Freud pensou (**Boltraffio**). (FRED, 1996)

Com relação a esse lapso, há uma diferença se comparado ao “facionário”, pois, ao invés de surgir uma nova palavra, no esquecimento do nome faltou algo; contudo, esse não foi um esquecimento absoluto, um vazio, uma vez que outros nomes apareceram em seu lugar (**Botticelli**; **Boltraffio**), promovendo não uma substituição, mas uma combinação, um deslizamento de significantes, processo que foi denominado de **metonímia**.

É esse o vestígio, o indício que temos do nível metonímico. Isso é o que nos permite encontrar a cadeia no fenômeno no discurso. É aí que se situa, na análise, aquilo a que chamamos de associação livre, na medida em que ele nos permite seguir a pista do fenômeno inconsciente. (LACAN, 1999, pág. 43)

Não posso deixar passar a oportunidade de fazer uma analogia entre o campo da lingüística e o campo da análise, posicionando lado a lado a citação acima e a seguinte passagem extraída dos substratos da lingüística moderna:

O que fixa a pronúncia de uma palavra não é sua ortografia, mas sua história. Sua forma, num momento dado, representa um momento da evolução que ela se vê forçada a seguir e que é regulada por leis precisas. Cada etapa pode ser fixada pelo que a precede. A única coisa a considerar, e a que mais se esquece, é a ascendência da palavra, sua etimologia. (SAUSSURE, 2006, pág.40-41)

A metonímia consiste, então, na função assumida por um significante no que ele se relaciona com outro significante na continuidade da cadeia, numa transferência de significação; já a metáfora tem sua força residindo na substituição e consiste no fato de um significante substituir outro na cadeia possibilitando a produção do sentido. Não é por acaso que esses dois processos sejam difíceis de serem distinguidos, pois, além de ambos contribuírem para um mesmo fenômeno – as expressões do inconsciente pelos significantes – eles são interdependentes, um não existe sem o outro.

Com essa exposição, penso ter ficado claro que, aos olhos da psicanálise, no decorrer de um discurso intencional do sujeito algo vai além de seu querer e se expressa como um acidente; porém, esse acidente/surpresa não se caracteriza como algo negativo, uma vez que, nas condições em que ele se produz, é registrado e valorizado como o verdadeiro conteúdo. Não podemos dizer grande coisa com a linguagem se ficarmos no plano do código, da objetividade, do que é socialmente compartilhado, devemos nos aventurar no plano que transcende a lógica formal.

A transcendência aqui não significa apelar para o que alguns autores definem como metalinguagem, para o que está nas entrelinhas do discurso, isso só pode desaguar no erro. Ir além da lógica formal é se atentar para a estrutura da cadeia significante, para a substituição de um significante por outro, para as associações combinatórias entre eles e para os novos sentidos construídos a partir disso.

Exemplificando como esse exercício do significante evoca conteúdos que são do inconsciente e denunciam a maneira como o sujeito se posiciona na relação com o Outro, vou citar um extrato de um atendimento clínico conduzido por mim há dois anos, e que ainda não chegou ao seu final. O caso é repleto de conteúdos passíveis de uma análise teórica, mas vou me limitar ao ponto que se relaciona com o tema sobre o qual estou versando.

Bruna, de 37 anos, procurou-me em uma ocasião em que eu ainda era estagiário em um hospital em que se realizava atendimento psicológico. Relatou-me inicialmente que era uma pessoa muito triste, havia tentado suicídio por duas vezes tomando medicamentos, dizia que a essa altura da vida ainda não tinha feito nada, que era feia, não era inteligente, ninguém gostava dela e não estava conseguindo cuidar bem de suas filhas, não dava exemplos a elas.

Bruna era casada com um homem há vinte anos, seu único namorado na vida, e tinha “um relacionamento ruim” com ele, que a agredia física e verbalmente, **era um bom pai** para as meninas, mas não era um bom marido, o marido com o qual ela sempre sonhara; contudo, relatava não conseguir separar-se dele, e que gostaria de entender qual sentimento ela tinha por ele, uma vez que duvidava que fosse possível uma pessoa amar alguém que lhe fazia tantas coisas ruins.

De sua infância – no início do tratamento – ela se lembrava apenas dos sete anos em diante, dizendo não saber por que não conseguia se recordar de alguns anos anteriores; conta que com essa idade cuidava da casa e dos seus três irmãos, que são mais novos. O pai sempre dizia a ela que ela era **burra**, não iria prestar para nada na vida e batia apenas nela. Bruna inclusive destaca que, mesmo quando um de seus irmãos – os quais eram tratados pelo pai com carinho – fazia coisas que seriam punidas com uma surra do pai, ela dizia que era ela quem tinha feito e apanhava no lugar deles.

De acordo com Bruna sua mãe era **passiva** diante da forma como o pai a tratava, trabalhava o dia inteiro, fingia que não via essas violências acontecerem e tentava sempre contornar a situação dizendo que eram coisas da cabeça de Bruna e que o pai gostava muito dela. Apesar desses comportamentos do pai em relação a ela, Bruna relata sempre buscar uma aproximação, uma maneira de receber um elogio dele - o que ocorre até hoje, tentativas que ela diz sempre ter fracassado.

Outras principais queixas nas sessões eram de que ela sempre fazia escolhas erradas, permitia que as pessoas tomassem decisões por ela, fazia o que os outros queriam, contra sua vontade, e se dizia estranha, esquisita, desengonçada, “sou muito **atrapalhada**”. Dá exemplos de situações que ocorriam em seu cotidiano, como em seu trabalho, quando clientes pediam para comprar fiado e, mesmo sabendo que iria ter prejuízos, ela permitia; não conseguia dizer não ao vendedor quando este lhe empurrava uma mercadoria que ela sabia não precisar comprar, e em diversas outras situações

Em seu casamento Bruna dizia saber que seu marido tinha amantes, inclusive ela cuidava de um filho dele com uma mulher com a qual ele a traiu, sofria agressões físicas, ameaças e não sabia porquê ficava **passiva** diante disso. “Ele me trata de uma forma muito parecida com a forma com que meu pai me tratava”.

Depois do início de seu tratamento Bruna divorciou-se e começou a se queixar de que não conseguia sair de casa, não conseguia conversar com as pessoas, andar na rua olhando para frente, uma vez que andava só olhando para baixo; dizia ainda que tinha dificuldades para entrar em grupos e que, quando tentava alguma dessas coisas, **atrapalhava-se** toda. Quando Bruna falou de como se organizava nas pequenas coisas do dia-a-dia, como o que iria fazer de almoço, qual roupa iria vestir, entre outras, dizia que tinha que planejar tudo com antecedência senão se **atrapalhava** e já causava um transtorno.

Após alguns meses falando de suas questões, em uma sessão em que ela repetia que “sua vida era **atrapalhada**”, conseguiu se lembrar de uma cena – que ela não tem certeza se realmente ocorreu ou se imaginou, mas que era muito forte para ela - em que ela tinha mais ou menos uns três anos de idade, olhava seu registro de nascimento e ouviu seu pai dizendo a sua mãe que Bruna

havia **atrapalhado** sua vida quando ela nasceu. A partir desse momento começou a falar expressamente sobre o fato de não ter sido desejada pelos pais, por que eles não a abortaram então e associou esse fato com a culpa que ela sentia de maneira enfática.

Essa é apenas uma parte do caso que, apesar de não ser um exemplo de chiste, faz-nos compreender como o significante “**atrapalhou**”, endereçado a Bruna pelo pai, marcou a forma como ela se percebe e se relaciona com as outras pessoas. Repare que o tempo todo está presente o questionamento de “qual lugar ela ocupa para o Outro?”, mantendo-se da mesma forma que ela afirma que a mãe se manteve – **passiva**, e não conseguindo sair, durante mais de vinte anos, de um relacionamento em que o marido lhe “tratava de forma tão ruim, da mesma forma que o meu pai me tratava” (SIC)

Os leitores mais atentos já devem ter notado que a maneira como a psicanálise se dedica às acrobacias das cadeias significantes encontra um ponto de identidade em uma função específica da linguagem na comunicação: a função poética, predominantemente utilizada em textos literários. Segundo Lopes (1971) a função poética dirige sua atenção para os elementos da mensagem efetivamente utilizados, para os objetos e ações por si mesmos e não pela função que desempenham; a mensagem se volta então para o próprio signo, para a sua integralidade de significante e significado.

Para ilustrar sua explicação o autor analisou o seguinte exemplo de uma propaganda: “**Quero o meu Corcel cor de mel**”. É claro que há uma relevância do conteúdo também, mas o que se destaca são as articulações da parte física do enunciado, como: “quero” (**Kero**) e “Corcel” (**Kor sew**) possuem a mesma seqüência consonantal (k-r) com uma inversão na seqüência vocálica (e-o; o-e). A mesma seqüência consonantal acima (k-r), com uma das vogais da seqüência vocálica (o), forma **kor** (“de cor de mel”), de modo que, se preenchida com o outro fonema (e), a seqüência forma **ker** (de “quero”). Há de se frisar ainda que “meu” (**mew**) reconstrói-se em “mel” (**mew**) com a única oposição de fechado/aberto, etc. (LOPES, 1971).

Tal como ocorre nos jogos verbais infantis, as propriedades fonéticas dos significantes são privilegiadas, permitindo reconfigurações que fazem com que possibilidades de sentido sejam agregadas à mensagem, sentidos esses que ficam escondidos sob o conteúdo referencial das mesmas palavras. Isso faz com que a função poética promova uma ruptura do que se é esperado, forneça uma resposta desacostumada, não automatizada pela língua.

Em determinados pontos, a aproximação entre as duas áreas do conhecimento se efetua de maneira tal que fica difícil identificar se o autor de um enunciado é um autor da literatura ou um psicanalista:

“As palavras são um material plástico, que se presta a todo tipo de coisas” (FREUD, 1996, pág., 41)

“A gente inventou um truque pra fabricar brinquedos com palavras” (BARROS, 2000, pág., 11)

“Nenhum desejo pode ser aceito, admitido pelo Outro, a não ser através de toda sorte de intermediários que o refratem (...) que façam do desejo algo diferente do que é” (LACAN, 1999, pág. 72).

“A terapia literária consiste em desarrumar a linguagem a ponto que ela expresse nossos mais fundos desejos” (BARROS, 2000, pág. 70)

“Melhor para chegar a nada é descobrir a verdade” (BARROS, 2000, pág. 70).

“(…) a tirada espirituosa é isso: ela designa, e sempre de lado, aquilo que só é visto quando se olha para outro lugar” (LACAN, 1999, pág. 29)

“Uma palavra abriu o roupão para mim. Ela deseja que eu a seja” (BARROS, 2000, pág. 70).

“Tem mais presença em mim o que me falta” (BARROS, 2000, pág. 67)

“Melhor que nomear é aludir” (BARROS, 2000, pág. 68)

Poderia me entregar sem tempo ao deleite de versos como esses, mas vou encerrar esse texto me permitindo fazer uma construção que, ao mesmo tempo, faz um jogo com a fórmula que Freud utilizou para representar um chiste, e descreve com precisão o que são os autores das passagens acima; “**Poesicanalistas**”.

p s i c a n a l i s t a s
P o e t a s

P o e s i c a n a l i s t a s

Referências

BARROS. Manoel de. **Livro sobre Nada**. Rio de Janeiro. Editora Record. 2000.

FREUD. Sigmund. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas Vol. VIII. **Os Chistes e suas Relações com o Inconsciente**. Rio de Janeiro. Imago. 1996.

_____. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas Vol. IX. **“Gradiva” de Jensen e Outros Trabalhos**. Rio de Janeiro. Imago. 1996.

_____. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas Vol. XV. **Conferências Introdutórias sobre Psicanálise**. Rio de Janeiro. Imago. 1996.

_____. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas Vol. Vi. **Psicopatologia da Vida Cotidiana**. Rio de Janeiro. Imago. 1996.

_____. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas Vol. Xli. **O Caso de Schreber; Artigos sobre Técnica e Outros Trabalhos**. Rio de Janeiro. Imago. 1996.

LACAN, Jacques. **O Seminário Livro V: As Formações do Inconsciente**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor. 1999.

_____. **A instância da Letra no Inconsciente ou a Razão desde Freud**, in: **Escritos**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor. 1998.

LOPES. Edward. **Fundamentos da Lingüística Contemporânea**. São Paulo. Editora Cultrix. 1971.

SAUSSURE. Ferdnand de. **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo. Editora Cultrix. 2006.